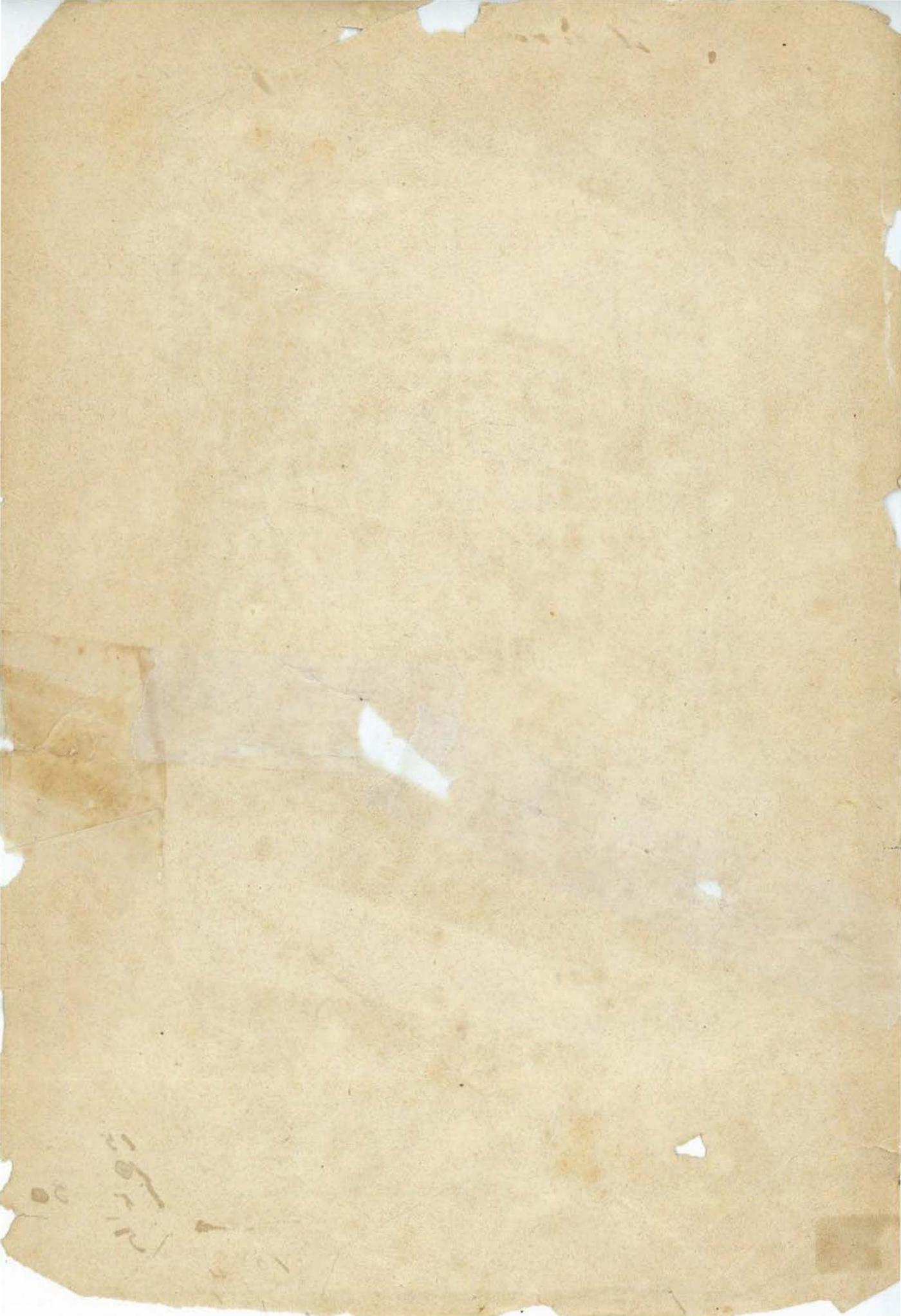
NO LAZARETO
PHENOL
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
LISBOA
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
LITH. GUEDES-LISBOA

No Lazareto
de
Lisboa
BORDALLO PINHEIRO

NO LAZARETO

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

NO LAZARETO

DE

LISBOA

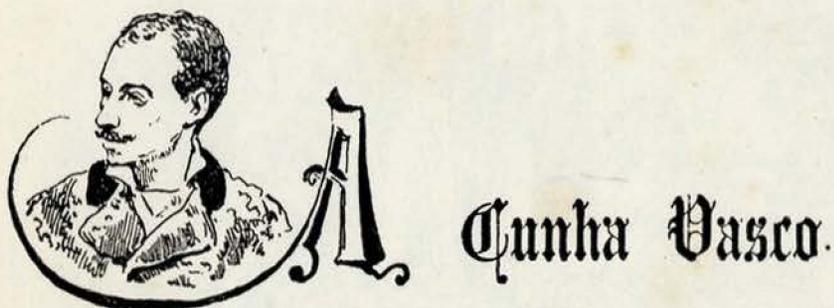
1881

EMPREZA LITTERARIA LUSO-BRAZILEIRA — EDITORA

DIRECTOR PROPRIETARIO — A. DE SOUSA PINTO

LISBOA

DEDICATORIA

A Cunha Vasco.

No Lazareto conservo a divisa do *menino* do Passeio Publico do Rio: — *Ser util mesmo brincando.*

Se entenderes que realisei essa aspiração, transmitte aos nossos amigos estes apontamentos.

B. P.

MEUS AMIGOS.

Estas pobres paginas reunem as recordações que ao voltar á patria formulei, de muitas coisas que deixei ao longe nas terras que em linguagem nobre se chamam ainda de *Santa Cruz*, e exprimem ao mesmo tempo as primeiras impressões que senti quando, ao pousar o pé no torrão natal, no momento de estender os braços á *imagem querida da patria*, em vez de ser apertado pelos braços amigos, fui *apertado* pelos guardas de saude e metido no Lazareto.

Sae agora, passado já mais d'um anno, por dois motivos. Em primeiro logar quiz ver se alguma impressão mais picante que por ventura me tivesse ficado dos tractos sanitarios dos zeladores da saude nacional se desfazia, em segundo logar quiz

experimentar se por ventura desfazendo-se essa impressão o Lazareto se *desfazia* ao mesmo tempo. [1]

Não succedeu porém assim. O estabelecimento e a recordação continuam intactos e por este motivo o folheto tem o seu logar e a sua razão de ser.

De resto, como libello e como obra d'arte, elle é, ao que me parece, inoffensivo nos intuitos e na forma. O lapis correu ás vezes galhofeiro, mas nos seus traços funambulescos não vae intenção de melindrar a terra aonde nem sequer morri de febre amarella ao que me conste!

Vi-lhe a côr mas não lhe senti o gume da fouce. Os meus sinceros agradecimentos á febre.

Comtudo deixei lá excellentes amigos a quem devo um grande capital de reconhecimento e aos quaes n'este momento me persuado ser util com a publicação d'este pequenino memorial.

Por que a verdade é esta: ninguem póde dizer *d'este Lazareto não beberei.*

Dedico-lhes pois estes ligeiros traços a lapis e n'estas paginas vae envolta uma coisa que transmitto por este mesmo paquete — o coração.

Lisboa........... 1880.

Raphael Bordallo Pinheiro.

[1] **No intervallo que medeia entre as impressões sentidas e as impressões desenhadas a direcção do Lazareto de Lisboa modificou-se.**

Á sua frente está um medico distincto, um cavalheiro amavel, que emprega todos os esforços para minorar as dores d'aquella clauzura. Elle é muito bom, entretanto os que voltam á patria, hãode continuar sempre a achar o Lazareto muito mau.

CAPITULO I

RECORDAÇÕES

eu caro Tejo de Cristal.

Cheguei ha dias do Brazil.

Estou no Lazareto. Provavelmente estás ancioso por saber novidades minhas e do Imperio d'além-mar, por isso vou dedicar-te estas primeiras paginas das *impressões* que todo o viajante que se prese é obrigado a sentir.

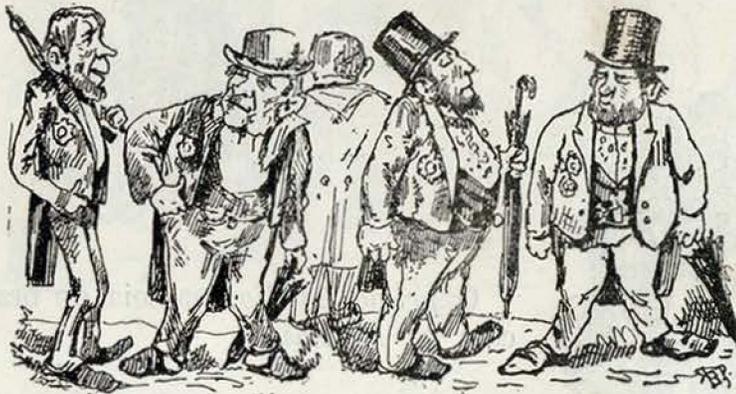
h! como estou ainda vendo

a grande arteria da civilisação sul americana, com os seus estabelecimentos mais caracteristicos:

A Gazeta, o Jornal, o Cruzeiro, o Sertorio, o Luiz de Rezende, o Fareni e o Sousa, o Garnier, Notre Dame, Palais Royal, o Propheta, a Espingarda

monstro, o Cailteau, o Deroche, o Castellões, o *Ponto dos bonds*, o grande magico, o Grande Turco, Os 600:000 Paletots, Á bota de Luix xv. — *O Livro Verde*, *A' Maior Thesoura* do globo, Aos 18 Bilhares, O Ravot, O Reaunier, o Rei dos magicos e o *Café do mingau*.

Chama-se essa grande arteria da civilisação sul americana a *Rua d'Ouvidor!...*

Os papagaios voam no ar.

Os Commendadores voam na terra.

N'esse *paiz essencialmente agricola*, o thesouro emmagrece, e não obstante os cafesaes são prosperos.

M.elle

uzanne engorda. *(Como o nosso apontamento* está feito ha muito tempo póde ser que já tenha emmagrecido, o que sinceramente lamentamos).

O *primo Basilio*, passeia de braço dado com as *Niniches*.

Provavelmente agora já ha de passeiar com as *Nanás*.

Os *moleques*, apregoam *bala di ovo*, *bala di parto* e *altea*, *bala*

di cajú [1] e o *Hamleto* do rei dos *Ilheus*.

Viva a *bala di ovo* e a propriedade litteraria.

[1] Bala chama-se no Rio de Janeiro ao rebuçado.

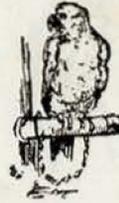
A politica liberal representada por esta figura,

acaba de substituir a politica conservadora representada por esta,

até, que mais tarde a republicana representada por esta outra,

abra o campo á demagogia representada por esta ultima.

Na litteratura o sabiá gorgeia na mesma palmeira.

E ás mesmas horas da noite o *Capadocio* canta sempre — QUAL QUEBRA AS VAGA DO MÁ!... debaixo do coqueiro com acompanhamento *di sapo tanoeiro*. JÁ VIU?

A elegante *sinhá* cheia de *mi deixes* toca ao piano suas valsas mélancolicas.

Paramos defronte da xacara.

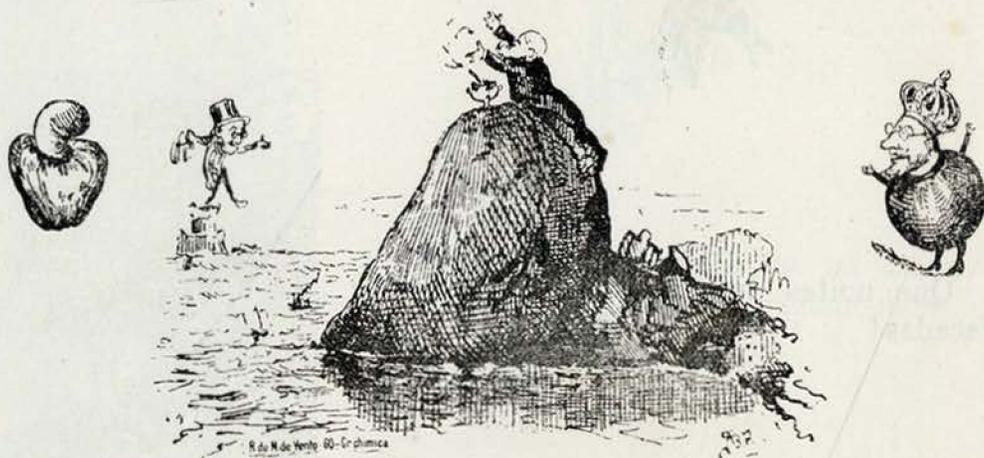
E outra consolação nos aguarda, o Capoeira completa o nosso extasi.

Que noites de poesia que explendidas facadas!

A arte prospera. Um grande artista adquire em filhos o que perde em cabellos.

Pedro o *malas artes* (ou o *mala ás costas)*

Estirado no alto do Pão d'assucar a tomar *canja*, pensa nos destinos dos imperios de-

mocraticos e envia um abraço

a Pedro d'Alcantara

seu querido irmão de além-mar.

Bem sei que *seu* Soares e *nhonhô Fazenda* não vae gostar d'isto, não.

CAPITULO II

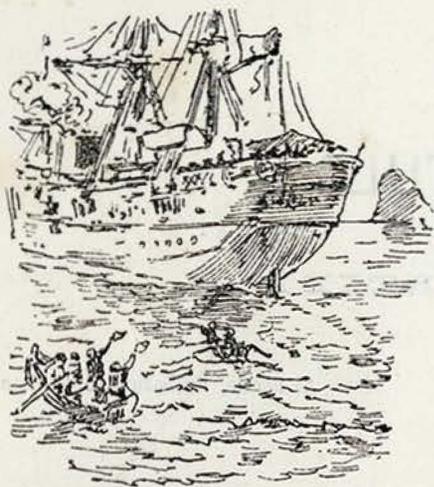
CAPITULO II

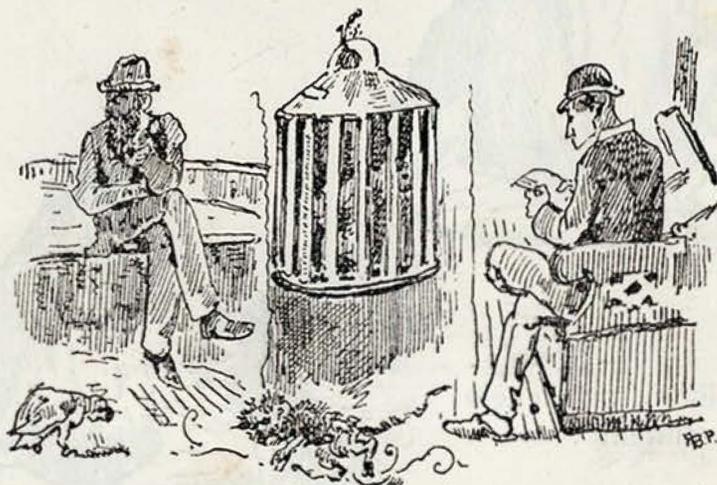
A PARTIDA

Ai adeus, acabaram-se os dias, etc.

Parto enviando um abraço saudoso aos amigos.

O Pão de assucar vem acompanhar-me ao botafóra.

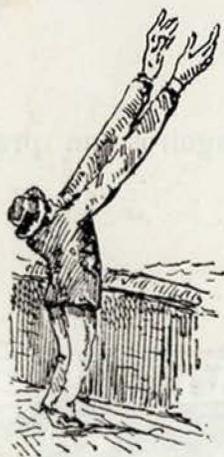
Aperto-lhe a mão cheio de reconhecimento.

O paquete vae partir.

Heroismo com que se porta a bordo um descendente dos grandes navegadores.

A bordo, alguns tristes companheiros de viagem.

Monsieur, *madame et bébé*, de torna viagem.

No fim de vinte dias de viagem avisto a praia Occidental.

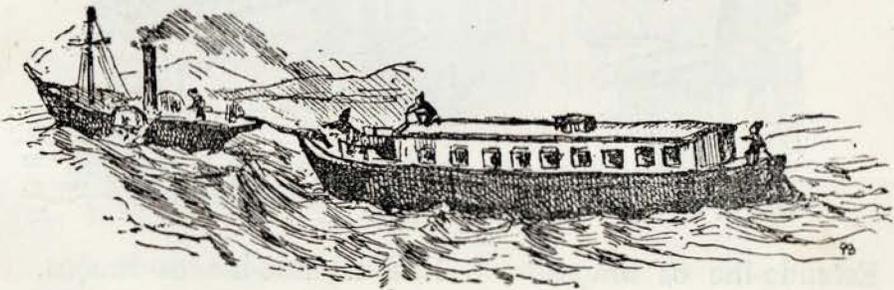
Oh!

saltam-me as lagrimas dos olhos.

Estendo-lhe os braços.

Ella estende-me os braços.

Intento dar-lhe um osculo. O ministerio do reino mette a bandeira amarella entre nós.

Desembarco considerado para todos os effeitos um emissario do VOMITO NEGRO.

As commodidades offerecidas aos passageiros na praia occidental, são as que se vêem.

Charonte pede um vintemzinho para cigarros queixando-se de que o governo não lhe paga. Pago

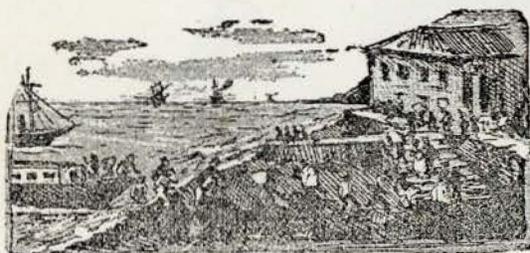
e sigo como condemnado que recolhe do exilio.

CAPITULO III

CAPITULO III

NO LAZARETO

São negras estas arcadas,
Sepulchral este lagedo,
Lugubres estas escadas,
Estas paredes põem medo.

Pontes monumentaes

para desembarque dos empestados.

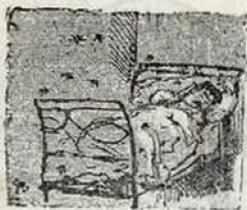
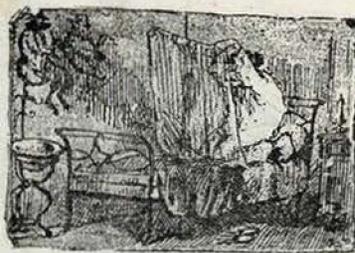
Primeiras consolações que se encontram ao chegar á patria.

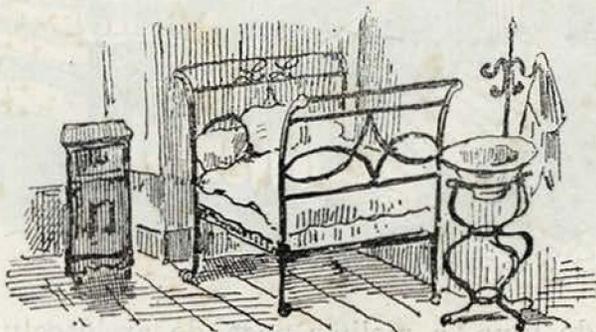
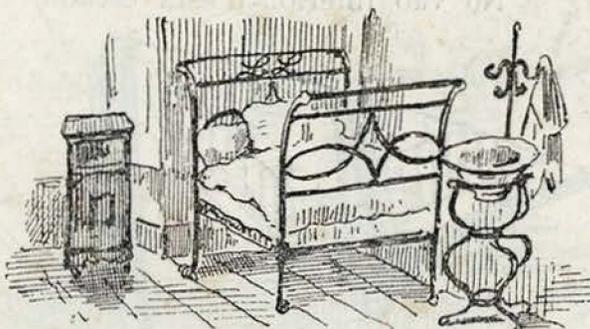
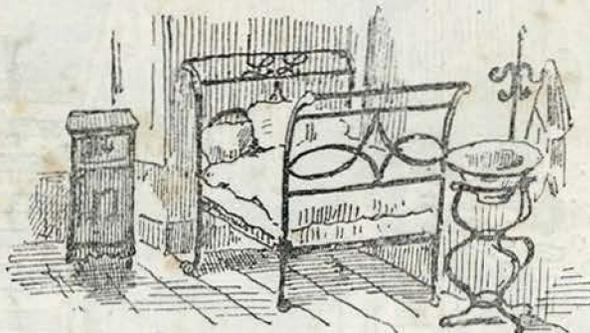
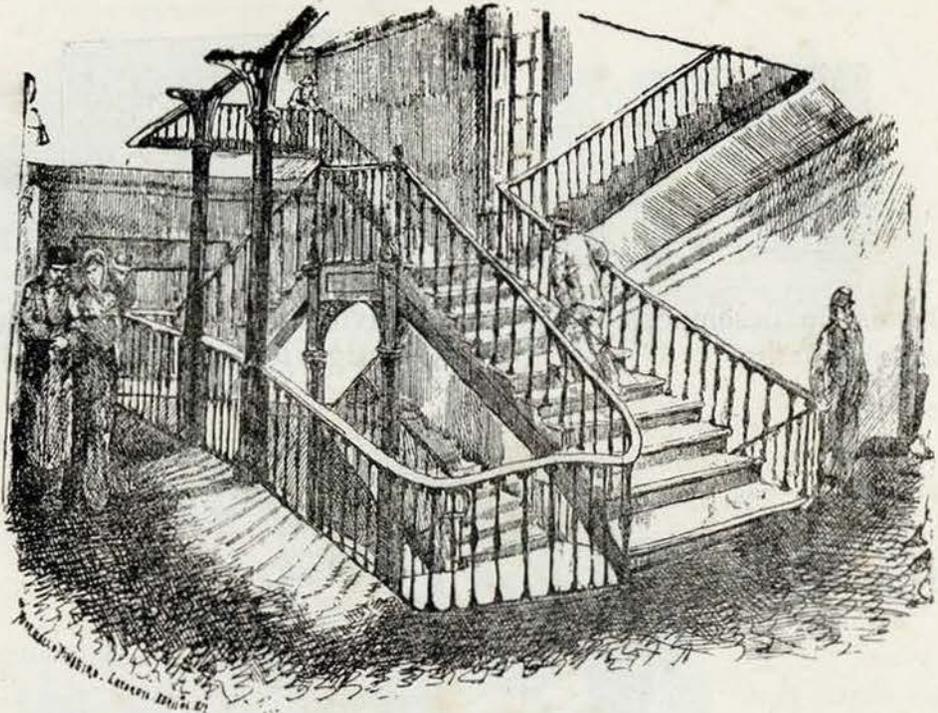
Na alfandega.—Passa o côco da massa para o lado empestado.

Torna a passar do lado empestado para o outro que o não está, sem ser *beneficiado.*

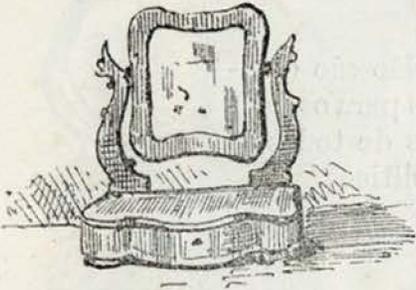
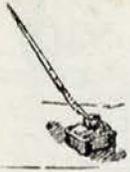
Procede-se á *beneficiação* das bagagens.., em beneficio do fisco.

Uma camisa antes de beneficiada.

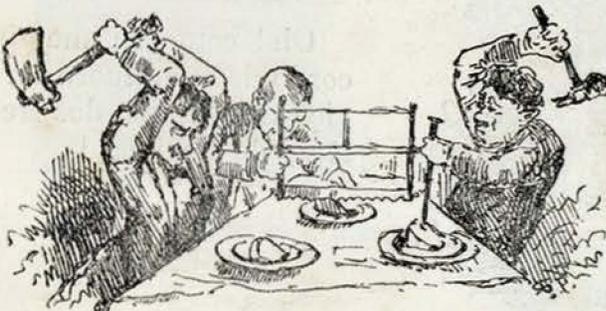
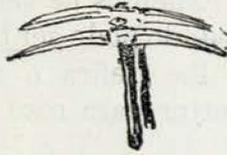
Uma camisa depois de beneneficiada.

Depois de desempestados repousemos emfim.

A civilisação vista atravez de um antigo lençol do Lazareto.

Os quartos de 1.ª classe.

Os de 2.ª

E os de 3.ª

Isto é: tres classes distinctas, e uma só verdadeira.

A peça de luxo, a melhor peça de architectura do edificio.

No vão inferior d'esta escada

é a hygienica sala de jantar da 3.ª classe.

Espelhos *de vestir* com que o empestado pode ser beneficiado,—caso se lhe defira o requerimento que metter para esse fim.

Tinteiros com que os quarentenarios de 1.ª classe são beneficiados pelos famulos,—mediante esportula.

Tinteiros com que os quarentenarios de 3.ª classe são egualmente beneficiados,

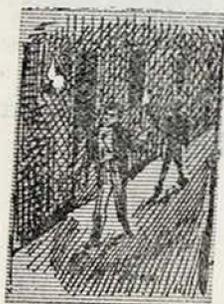
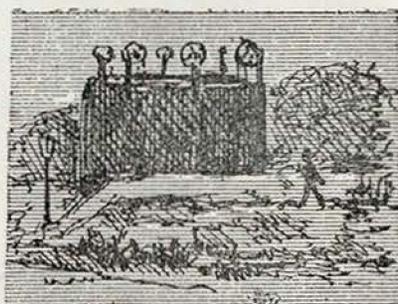
—mediante esportula mais pequena.

Processos empregados no Lazareto para se partir o queijo.

Em vez de dentes são necessarias picaretas.

Não são queijos para os dentes de todos os politicos.

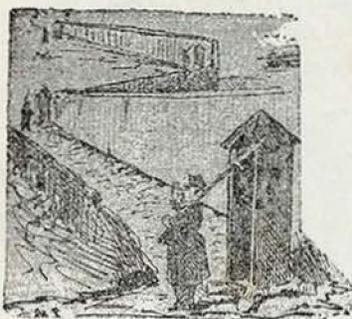
A mesa de 1.ª classe tem amendoas torradas.

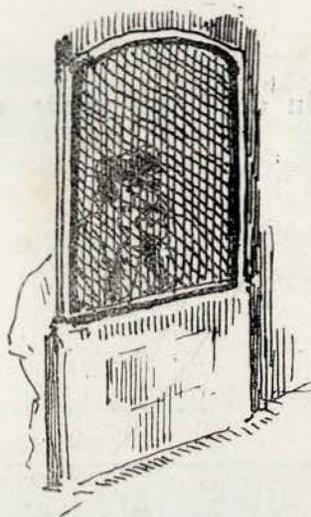
A mesa da 2.ª classe — infeliz! — não tem amendoas torradas.

Oh! como eu me recordo do sumptuoso serviço do Joaquim dos Melões, de Cacilhas!

Ou do *Frege-moscas,* do Rio.

A noite chega.

Põe-se em acção o gazometro e accendem-se os candieiros.

Que esplendor,

meu Deus!...

A sentinella brada: *Álerta!*

E os seus companheiros d'armas respondem em todos os *quartos:* — *Álerta está!*

Encerrado nas grades da prisão sonho com Lisboa.

Estendo os braços á patria que me fica defronte.

Vejo-a tal qual era d'antes, estirada á sombra da fresca laranjeira.

Á porta da casa Havaneza os mesmos grupos.

Implicando com as mesmas senhoras.

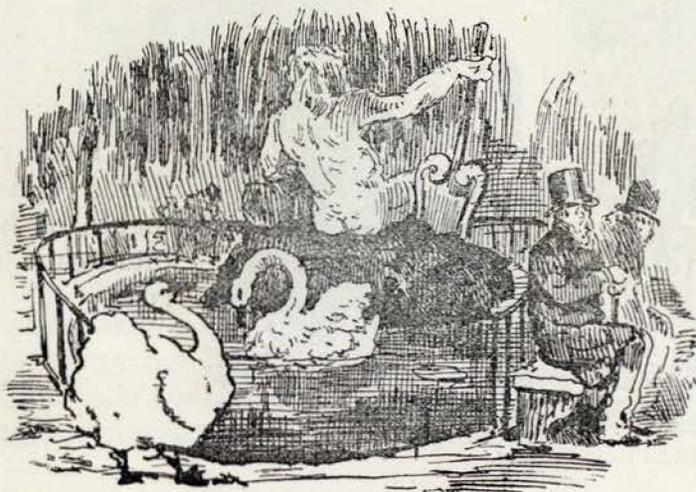
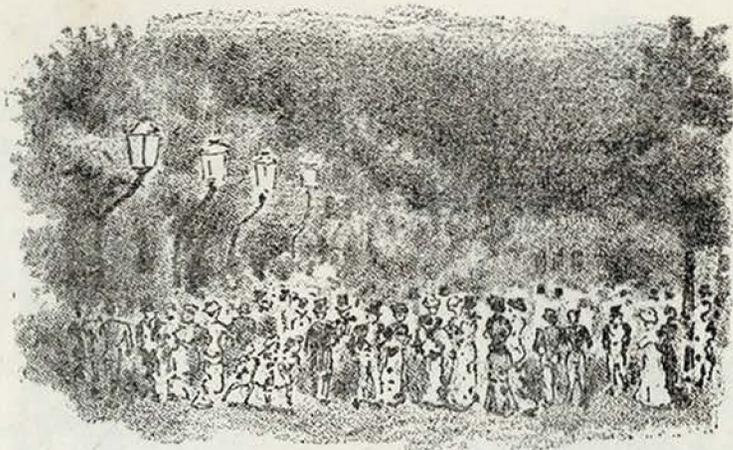
Um que quando eu partia para o Brazil acendia magestosamente o seu charuto,

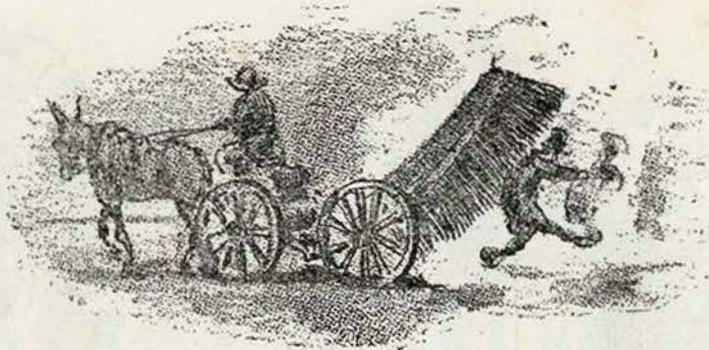
acaba agora mesmo de o fumar.

Exactamente o mesmo que o nosso querido Julio Machado viu quando voltou da sua primeira viagem ao estrangeiro.

E passam os mesmos politicos envoltos nas mesmas roupagens.

Avisto menos convicções e mais alguns elephantes.

Vejo *perilampos*, d'uma fórma estranha, applicados á policia da cidade.

Os cysnes continuam a vogar no Passeio publico nos lagos das *intermittentes*.

O calor official continúa a ser ás quintas feiras.

De dia são regados egualmente os habitantes e as ruas.

A' noite são *escovados* por identico systema.

O Valentim do Martinho está ainda fazendo o troco ao vintem com que S. M. Pedro d'Alcantara o gratificou na sua primeira viagem á Europa.

No bairro alto ainda o pregão chorado do *já não ha quem tenha dó.*

O grande Talma nacional depõe os louros no altar da patria.

E offerece-lhe ao mesmo tempo uns *sapatos* impermeaveis.

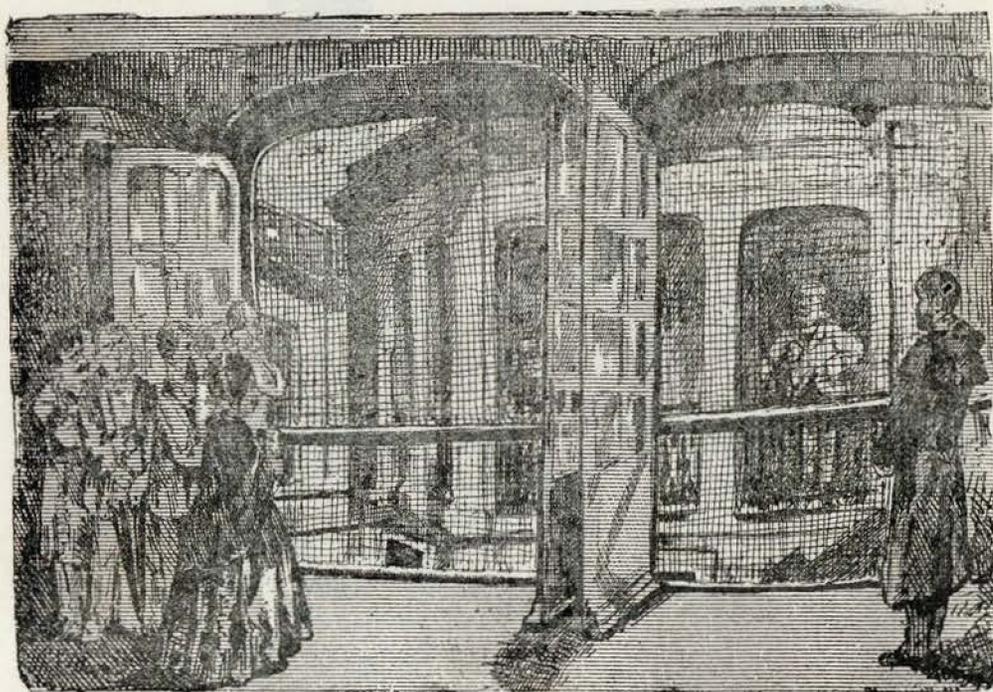
A patria, entretanto, cheia de jubilo, dança os *Fenians* com o professor Justino.

Na politica toca-se a mesma moda.

E nas ruas a mesma modinha.

O sol da tragedia declina no horisonte.

A's 10 horas da noite os mesmos tres gatos comendo a mesma sardinha no largo de S. Julião.

As mesmas praças de pret namorando as mesmas creadas.

Acordo finalmente. A hora da partida chega e Esculapio diz gracioso ás grades do locatorio: — Meus senhores, estão beneficiados.

Viva a pandega!...

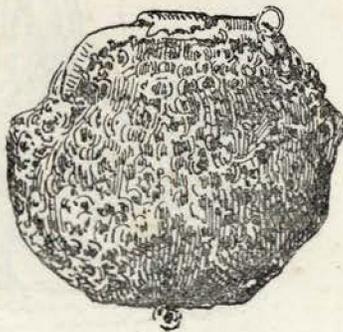
1.º beneficio. Conta do hotel 60$000 réis fortes.

Um numero do *Diario de Noticias* 720 réis fortes.

Por um cumprimento do emprezario fraco — 1$500 réis fortes.

Por uma venia do criado de quarto—forte, 720 fracos.

Estampilha de 25, uma—200 réis.

O resto do dinheiro distribuido pelo capellão, pela alfandega, pelos fiscaes, pelos barqueiros e pelos mendigos.

Retrato d'uma bolça antes d'entrar no Lazareto.

A mesma depois de comer o chocolate *Mathias Lopes*.

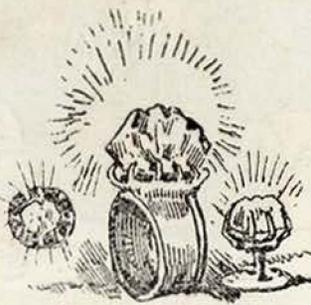
O emprezario bemdiz o momento em que a Providencia se lembrou d'inventar a febre amarella,

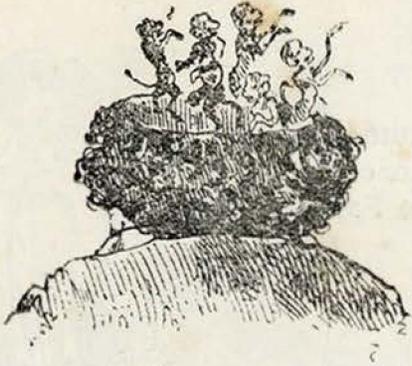
recordando-se do que era antes do flagello,

e do que é depois.

Á vista do exposto lembro-me d'escrever a Sua Magestade o seguinte:

Sentindo-me mal,

Voltando do Brazil sem joanetes,

Sem brilhantes,

Sem chinellos,

Apenas com alguns *macaquinhos no sotão.*

Trazendo em vez de contos

Muitas historias para contar.

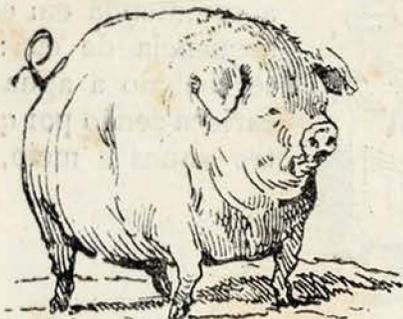
E experiencia para guardar.

Ouso pedir a Vossa Magestade me seja dada a commenda da Conceição de Villa Viçosa.

Com que é costume distinguir os que estão cinco annos nas terras de Santa Cruz.

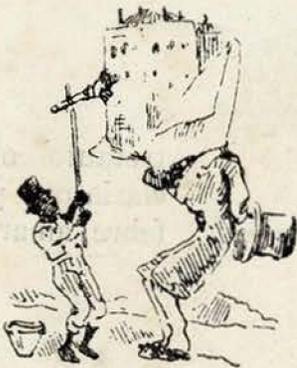
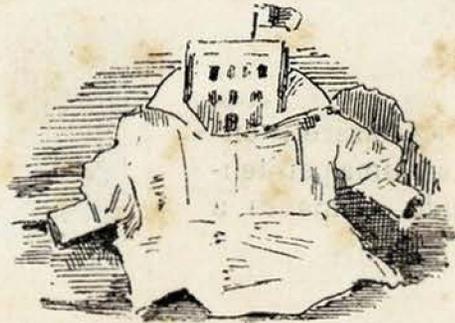
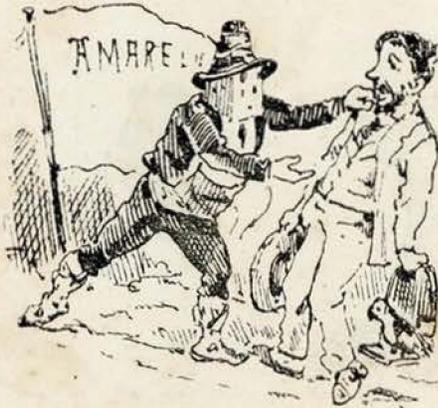
Afim de me poder apresentar dignamente na casa Havaneza.

E não podendo ser a commenda em consequencia de eu não ter bebido a agua da carioca senão por quatro annos e meio,

Ao menos que me seja concedido um lazareto supranumerario, para que eu que voltei do Brazil magro como Sahara Bernhardt ou este illustre politico

Prometto depois de explorar dez annos a febre amarella fóra de portas, ficar nedio e luzidio como um bacoro

Ou como um prior.

NOTA

Estes apontamentos foram tomados ha perto de dois annos. D'então para cá o Lazareto modificou um pouco os seus costumes.

Lavou a cara.

Vestiu camiza lavada.

E não tornou a atacar os passageiros á sahida.

Continua entretanto a ser o *espectro negro* dos nossos irmãos d'alem mar.

Seu actual inspector é amavel, activo, intelligente.

O Lazareto entretanto continua a ser uma penitenciaria que prende tudo — menos a febre amarella.